vinetur

Leroy Musigny Grand Cru lidera ranking de 2026 da Wine-Searcher com $61,596

Os produtores da Borgonha ocuparam nove dos 10 lugares. Um conjunto completo dos vinhos custa $228,588.

quinta-feira, 1 de outubro de 2026



O ranking de 2026 da Wine-Searcher dos vinhos mais caros do mundo mostra que a Borgonha continua a dominar o segmento superior do mercado de vinhos finos, com nove dos 10 lugares ocupados por produtores da região francesa e apenas um vinho de

fora da Borgonha a conseguir entrar na lista. A lista baseia-se nos preços médios de retalho globais, e situa a garrafa menos cara no top 10 em $13,109 e a mais cara em $61,596. Comprar uma garrafa de cada vinho da lista custaria $228,588.

O primeiro lugar foi para o Leroy Musigny Grand Cru da Côte de Nuits, na Borgonha, com um preço médio de retalho de $61,596. Isso representa uma subida face aos $46,991 de há um ano, um aumento de 31.1%. Ao longo de cinco anos, a subida é ainda maior. O mesmo vinho custava $28,071 há cinco anos, o que significa que o seu valor aumentou 119.4% nesse período.

O segundo lugar foi para o Domaine d'Auvenay Chevalier-Montrachet Grand Cru, com $24,952. Esse preço é 7.4% superior aos $23,223 do ano passado, mas ainda 5.3% abaixo do nível de $26,350 de há cinco anos. Em terceiro lugar, outro vinho da d'Auvenay, o Bâtard-Montrachet Grand Cru, foi cotado em $24,048. O preço subiu fortemente no horizonte mais longo, passando de $17,101 há cinco anos para $25,039 no ano passado, antes de recuar 4% este ano. Mesmo após essa queda, continua a registar uma subida de 40.6% em cinco anos.

O Domaine de la Romanée-Conti Romanée-Conti Grand Cru ficou em quarto lugar, a $24,005. Em comparação com algumas das oscilações mais acentuadas noutros pontos do ranking, o seu preço tem sido relativamente estável. Estava em $23,786 há um ano, uma variação de 0.9%, e em $22,366 há cinco anos, um ganho de 7.3%.

O quinto lugar foi ocupado pelo Domaine Leflaive Montrachet Grand Cru, a $19,691. Este vinho tem apresentado uma tendência de subida constante, passando de $13,673 há cinco anos para $17,604 no ano passado, acrescentando depois mais 11.9% este ano. A subida total em cinco anos é de 44%.

No número seis, o Domaine Georges & Christophe Roumier Musigny Grand Cru foi cotado em $17,100. Isso representa uma descida de 5.6% face aos $18,122 do ano passado, embora continue 7.1% acima do preço de $15,967 de há cinco anos. O sétimo lugar foi para outro vinho da Leroy, o Chambertin Grand Cru, a $16,078. O seu preço subiu de $12,220 há cinco anos para $16,221 no ano passado, antes de recuar 0.9% este ano. Mesmo com a descida, acumula uma subida de 31.6% em cinco anos.

O vinho em oitavo lugar foi o Olivier Bernstein Romanée-Saint-Vivant Grand Cru, a $14,537. Esta entrada destacou-se não só pelo lugar que ocupa entre rótulos mais antigos e consolidados, mas também pela escala da sua recente movimentação de preços. Os dados da Wine-Searcher mostram a garrafa a $7,125 há um ano, o que significa que o preço atual é 104% mais alto. As comparações de longo prazo são limitadas porque, até ao momento, só foi lançada uma colheita, a de 2017. Bernstein é um nome mais recente na Borgonha em comparação com muitos dos produtores que o rodeiam no ranking, tendo lançado a sua primeira colheita em 2007.

O único vinho da lista de fora da Borgonha ficou em nono: Egon Müller Scharzhofberger Riesling Trockenbeerenauslese, da região alemã de Mosel. O seu preço médio de retalho foi indicado em $13,472. Ao contrário da maioria dos vinhos do ranking, perdeu valor tanto no período de um ano como no de cinco anos medidos pela Wine-Searcher. Estava em $14,057 no ano passado e em $15,995 há cinco anos, o que representa uma descida de 4.2% face ao ano anterior e de 15.8% em cinco anos.

O último lugar do top 10 foi para o Domaine d’Auvenay Mazis-Chambertin Grand Cru, a $13,109. Esse vinho registou alguns dos maiores ganhos do ranking. Subiu de $8,135 há cinco anos para $11,948 no ano passado, tendo depois aumentado mais 9.7% este ano. O ganho total em cinco anos é de 61.1%.

A lista é notável pela sua concentração. A Borgonha representa todos os lugares, exceto um, e os estilos representados também são limitados: seis Pinot Noir, três Chardonnays e um Riesling doce. Os nomes no topo são, em grande medida, familiares para colecionadores e comerciantes que acompanham de perto o comércio de vinhos finos, sobretudo Leroy, Domaine d’Auvenay e Domaine de la Romanée-Conti.

Ainda assim, mesmo dentro desse pequeno grupo, as movimentações de preço não foram uniformes. Dois vinhos da lista perderam valor nos últimos cinco anos: o d’Auvenay Chevalier-Montrachet e o Scharzhofberger Riesling Trockenbeerenauslese de Egon Müller. Só no último ano, quatro dos 10 vinhos recuaram e seis subiram. Apesar desse desempenho misto, o valor combinado de um cabaz com uma garrafa de cada vinho subiu de $204,116 no ano passado para $228,588 este ano, um aumento de cerca de 12%.

O ranking da Wine-Searcher também assinalou vários vinhos que ficaram fora da lista porque já não se enquadram claramente no mercado atual de garrafas produzidas ativamente. Vinhos feitos por Henri Jayer, incluindo Richebourg Grand Cru e Cros Parantoux Premier Cru, teriam ficado entre os vinhos mais caros do mundo se ainda estivessem em produção. Jayer morreu em 2006, e as garrafas associadas ao seu nome negoceiam-se agora mais como raros ativos históricos do que como lançamentos comerciais atuais.

Outro vinho mencionado fora do ranking foi o Montrachet L'Exceptionnelle Vendange des Sept Domaines, um Chardonnay único produzido depois de uma geada severa ter danificado as vinhas em 2016. Sete produtores de Montrachet — Domaine de la Romanée-Conti, Domaine des Comtes Lafon, Domaine Guy Amiot, Domaine Leflaive, Domaine Fleurot-Larose, Domaine Lamy-Pillot e Claudine Petitjean — juntaram a sua uva e produziram 600 garrafas. A sua raridade e origem invulgar colocam-no fora do padrão normal de lançamentos anuais que define o ranking.

O ranking de 2026 surge num momento em que o setor do vinho em geral enfrentou pressão de tendências de consumo mais fracas e de uma incerteza económica mais ampla, mas os dados sugerem que as garrafas de preço mais elevado continuam a comandar valores excecionais nos mercados de revenda e retalho. Os maiores ganhos foram registados pelo Leroy Musigny Grand Cru, que somou 31.1% num ano, e pelo Olivier Bernstein Romanée-Saint-Vivant Grand Cru, que duplicou de preço face ao nível do ano passado. Ao mesmo tempo, ligeiras descidas em vinhos como o Roumier Musigny, o Leroy Chambertin e o Trockenbeerenauslese de Egon Müller mostram que, mesmo no topo absoluto do mercado, os preços não evoluíram numa única direção para todos os rótulos.